

EVENTOS REFLEXIVO-TRANSFORMATIVOS EM LETRAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ESCRITA DE CRÔNICAS

Adriana FISCHER¹

RESUMO: Com o objetivo de analisar os modos de constituição letrada de alunos ingressos em um curso de Letras, este trabalho apresenta e discute movimentos dialógicos que marcam o percurso da produção escrita de crônicas, por uma aluna (Beatriz), em eventos de letramento acadêmico, caracterizados como reflexivo-transformativos (FISCHER, 2007). A posição sócio-cultural de letramento dá suporte às análises dos dados coletados, através de acompanhamento longitudinal dos sujeitos da pesquisa, durante todo o ano de 2005. Os instrumentos de coleta enfocados são observações participantes de aulas em duas disciplinas do curso de Letras, entrevistas orais e produção escrita de textos, pertencentes ao gênero crônica jornalística. Os eventos reflexivo-transformativos, dos quais as crônicas são elementos constitutivos, integram *o modelo dialógico dos letramentos acadêmicos* (FISCHER, 2007), denominação adaptada de Lea e Street (2007). Este modelo engloba a construção de sentidos, a identidade, o poder, a autoridade e a natureza institucional do que conta como conhecimento em um contexto acadêmico particular. Os resultados desse trabalho comprovam que, aos alunos de Letras, são ferramentas de poder conhecer o funcionamento de um dado domínio social, no qual se insere o gênero crônica, e desenvolver o metaconhecimento que o constitui, a fim de usarem o letramento crítico e o(s) letramento(s) dominante(s) que dele fazem parte, na direção de se inserirem e se constituírem sujeitos letrados no domínio acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Eventos de letramento acadêmico; curso de Letras; crônicas.

Letramento: enfoques teórico-metodológicos da pesquisa no domínio acadêmico

A natureza complexa do fenômeno do letramento é apresentada neste trabalho sob uma perspectiva sócio-cultural. Nessa direção, segundo Gee (2000), leitura, escrita e sentidos são sempre situados em práticas sociais específicas, onde as interações têm papel central. No interior dessas práticas, há os eventos de letramento, que representam episódios observáveis, os quais se formam e se constituem através delas. Os textos, nesses eventos, têm funções, fazem parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos.

¹ UNIFEFE – Centro Universitário de Brusque. CIED – Centro de Investigação em Educação, Literacias: práticas e discursos em contextos educativos, Universidade do Minho, Portugal. Endereço de correspondência: Rua Guilherme Steffen, 170. Bairro Steffen. CEP: 88355-100. Brusque, SC. Brasil. adrifischer@terra.com.br

Por meio e nas interações, um sujeito aprende novas linguagens sociais e gêneros, no sentido de ser capaz de produzi-los e não apenas consumi-los, ou seja, ele vai sendo socializado no que Gee (1999, 2001) nomeia de Discursos². As linguagens sociais estão inseridas nos Discursos e assumem relevância e sentido através deles. Por consequência, os Discursos envolvem mais que a linguagem e garantem uma amplitude muito maior.

Um Discurso integra modos de falar, ouvir, escrever, ler, agir, interagir, acreditar, valorizar, sentir e usar vários objetos, símbolos, imagens, ferramentas e tecnologias, com a finalidade de ativar identidades e atividades significativas, socialmente situadas. (GEE, 2001, p. 719, tradução nossa).

A natureza dos Discursos está diretamente relacionada aos domínios de letramento que os integram, às relações de poder, às linguagens sociais e a todo aparato ideológico que os envolve, o que impulsiona Gee (1999) a caracterizá-los como primários e secundários. Os primários são os que os sujeitos “aprendem” na família e/ou a comunidade local. Os secundários envolvem instituições sociais (secundárias); pressupõem aprendizagem como parte da socialização; constituem, de forma reconhecida e significativa, os atos públicos mais formais na sociedade; são responsáveis por construir e expandir os usos da linguagem, dos valores, atitudes, crenças adquiridos como parte dos primários. Em função da relação que estabelecem com os variados domínios sociais, os letramentos podem ser dominantes. Estas posições dos letramentos pressupõem a valorização estabelecida por determinadas instituições sociais a certos Discursos secundários.

Considerando, então, que as práticas desenvolvidas em um curso de Letras englobam os Discursos secundários, bem como os letramentos dominantes, os quais as particularizam, enfoca-se, nesse trabalho, um tipo específico de letramento – o

² Segundo Gee (2001), Discursos com “D” maiúsculo diferencia-se de discursos com “d” minúsculo. Para este autor, discurso significa apenas a linguagem em uso, diferentemente de Discursos, que ultrapassam o escopo de uso da linguagem.

acadêmico. A designação de letramento acadêmico pode ser perfeitamente plausível a outros contextos, nomeadamente os que envolvem ambientes e práticas formais de escolarização. Ainda assim, o seu uso tem vindo a ser relacionado aos domínios universitários, sobretudo para ressaltar a natureza especializada tanto dos textos que são veiculados e constroem o saber, como dos usos das linguagens também especializadas que os materializam, dos papéis sociais de alunos e de professores, das finalidades de os alunos estarem neste domínio e das relações estabelecidas com o conhecimento.

É, pois, nestes eventos de letramento que os estudantes vão construindo os seus saberes académicos e, para além disso, também os posicionamentos ideológicos, significados culturais e estruturas de poder, que, em conjunto, constituem o modo cultural de usar os textos. Em consequência, estes eventos são responsáveis por integrarem e participarem da construção do letramento acadêmico. Nesse processo de construção, geram-se condições para a aquisição dos “padrões” do Discurso dominante da instituição. Na medida em que esta aquisição pode ser apenas parcial com vista ao seu uso enquanto se está inserido, de certa forma, em um domínio que utiliza o Discurso dominante, tal Discurso pode ser visto como “reciclado” (cf. Gee, 1999).

Uma outra dimensão do letramento em contexto acadêmico diz respeito ao letramento crítico que, em certa medida, através da capacitação crítica para o uso dos letramentos dominantes, concede “poder” aos sujeitos. (cf. GEE, 1999).

Letramento crítico, na visão de Gee (1999), é o controle do uso de um Discurso secundário, que pressupõe a utilização da metalinguagem, a fim de melhor compreender, analisar e criticar Discursos primários e/ou secundários e os modos que esses Discursos constituem os sujeitos letrados e os situam na sociedade.

Seguindo essas perspectivas de discussão, acerca do letramento, não basta indicar simplesmente se um sujeito se torna letrado em um determinado contexto social

(HALL, 2002); o decisivo é compreender como ele se torna letrado, o que e como aprende o que é importante, essencial em contextos e práticas de leitura, escrita e oralidade, e como é reconhecido o potencial de letramento desse sujeito.

Em concordância com a defesa de Hall (2002), o presente trabalho³, focado nos modos de constituição letrada de alunos ingressos no curso de Letras da Unifebe (Brusque/SC), apresenta e discute movimentos dialógicos que marcam o percurso da produção escrita de crônicas, pela aluna Beatriz, em eventos de letramento acadêmico, nomeados como reflexivo-transformativos (FISCHER, 2007). Os dados advindos do estudo de caso etnográfico, com a aluna Beatriz, ganham destaque por haver um processo longitudinal de investigação, viabilizado pela observação participante no curso, em duas disciplinas, “Estudos da Língua Portuguesa I: conhecimentos básicos” (2005/1) e “Leitura e Produção Textual” 2005/2), por entrevistas orais (2005 e 2006) e por produções escritas. Nessas disciplinas, o professor – Tiago - adota práticas de letramento, apoiadas nos gêneros discursivos, envolvendo leitura, produção escrita e análise lingüística, como objeto de ensino-aprendizagem.

Considerando que em 120 horas/aulas de observações participantes, nas duas disciplinas mencionadas, muitos são os eventos de letramento acadêmico, estes, devido às regularidades das interações, dos objetos textuais em uso, e para fins de análises dos dados, foram reunidos em três agrupamentos: Eventos interDiscursivos, Eventos identitários e Eventos reflexivo-transformativos (cf. FISCHER, 2007). Interessa, no presente trabalho, este último agrupamento de eventos, onde a produção de crônicas de Beatriz tem seu lugar.

Os Eventos reflexivo-transformativos englobam situações enunciativas em que os alunos valem-se do letramento crítico ou do Discurso reciclado, com as funções de

³ Dados presentes neste trabalho advêm de pesquisa de doutorado, desenvolvida de 2004 a 2007, no Brasil e em Portugal, com apoio da Capes e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC.

libertação – de estruturas fechadas, impositivas de poder – e de emancipação – das práticas sociais em que participam e das próprias identidades assumidas por eles nestas práticas. Nessa direção, os eventos pertencentes a esse agrupamento permitem, aos alunos, o desenvolvimento do controle no uso de Discursos secundários e da metalinguagem que os constituem. Portanto, através da participação dos alunos de Letras nestes Eventos reflexivo-transformativos, abrem-se possibilidades para que eles analisem e questionem letramentos de maneira reflexiva e crítica, com o propósito de transformá-los, ao mesmo tempo em que transformam as suas próprias identidades sociais.

Como instrumento complementar de análise, no interior desses eventos de letramento, são enfocados os movimentos dialógicos dos alunos, a exemplo do caso Beatriz, que podem ser indagatórios, confirmativos, exemplificativos, contrastivos, avaliativos e metalingüísticos. Esses movimentos representam formas de interação verbal, os quais indicam especificamente os modos de participação dos alunos nos eventos de letramento, na relação com os o(s) outro(s) – os interlocutores da situação enunciativa – e com o conteúdo temático. Esses movimentos são decisivos para indicar, dessa forma, os modos de constituição letrada dos alunos ingressos em Letras.

Uma observação é essencial para que as análises posteriores sejam bem compreendidas no seu propósito de realização. Não se tem a pretensão de fazer análises exaustivas dos elementos constitutivos do gênero crônica. Alguns desses elementos auxiliam o direcionamento das análises dos Eventos reflexivo-transformativos. As análises recaem, nas seções seguintes, sobre os movimentos dialógicos de Beatriz, no interior destes tipos de eventos de letramento acadêmico, os quais revelam, no percurso de trabalho em 2005, sentidos situados nas interações, pontos de reflexão e de transformação com a linguagem, ou seja, com o gênero em questão.

Sentidos situados da crônica em eventos reflexivo-transformativos

Conforme Gee (1999), os Discursos dominantes impõem exigências mais rígidas quanto ao uso de objetos, de linguagem, de textos e quanto às formas de interação entre as pessoas. Assim, desenvolver e assumir o controle ou o domínio de uso de Discursos dominantes, como os que constituem as atividades no meio acadêmico, depreendem empenho reflexivo e crítico por parte de alunos e professores. Nessas atividades, a construção de sentidos simboliza, por sua vez, um processo ativo e dinâmico, em que sujeitos interagem por meio da linguagem.

As reflexões e subseqüentes transformações nas práticas e nas próprias identidades da aluna Beatriz, nos Eventos reflexivo-transformativos, ocorrem porque o professor viabiliza interações efetivamente dialógicas em diversos eventos, em que propostas de trabalho fazem com que ela se assuma co-responsável no processo de construção de conhecimentos, de sentidos situados no domínio acadêmico. Para comprovar essa interlocução e os modos de constituição letrada da aluna Beatriz, apresentam-se quatro eventos com e a partir da crônica.

Evento 1 – a análise inicial de crônicas e reações-respostas de Beatriz

Um primeiro tipo de evento com a crônica, impulsionador de reflexões, refere-se à análise de exemplares do gênero. A primeira crônica jornalística disponibilizada pelo professor é intitulada *Festa no Apê*, do autor catarinense Maicon Tenfen. Esta crônica é caracterizada, neste trabalho, como um gênero balizador, por ser o ponto de referência em muitas discussões posteriores com tal gênero.

Como esse encaminhamento, de análise de exemplares do gênero crônica, dá-se logo nas aulas iniciais de 2005/1, marcas de experiências prévias na escolarização básica com este gênero, por meio de movimentos exemplificativos, são deixadas por

Beatriz. Exposta, dessa forma, a uma diferente abordagem com a crônica, que não a literária, a aluna realiza também movimentos indagatórios sobre o funcionamento da crônica, movimentos avaliativos, na comparação com o trabalho já experienciado em anos anteriores (implicação do *eu*, das vivências escolares), e movimentos confirmativos às escolhas do professor nas orientações de letramento desenvolvidas com esse gênero.

Beatriz, em momentos de análise de crônicas, deixa revelar suas concepções restritas de linguagem, quando aponta como erro a variação lingüística que aparece nos exemplares do gênero. Em resposta e na direção de desenvolver o metachecimento, o professor, com movimentos contrastivos sutis à aluna, explica o fenômeno da variação lingüística. Percebendo, dessa forma, que os dizeres de outra aluna da sala (Renata) são apoiados pelo professor e que este refuta a opinião dela sobre o erro, Beatriz adere parcialmente ao posicionamento de Renata no decorrer das interações. Beatriz usa de movimentos exemplificativos e confirmativos a Renata, para indicar inicial compreensão de que a linguagem vai se adequando às situações enunciativas.

Essa mudança de posicionamento de Beatriz ressalta a percepção dela sobre a não produtividade em repetir modelos e em permanecer fechada em conceitos reproduzidos, sem reflexão, em experiências anteriores com a linguagem. Podendo funcionar como meio de aceitação nas discussões, essa mudança de movimentos vai revelando o olhar atento desta aluna sobre o que conta como letramento dominante em Letras, e vai dando provas de que o Discurso reciclado vai sendo introduzido nos movimentos dialógicos como uma ferramenta de poder em uso nos eventos de letramento acadêmico.

Evento 2 – a proposta e a produção da 1ª crônica: marcas de um Discurso secundário

Com o intuito de instigar a escrita, o professor, na aula 3 de 2005/1, propõe a produção do primeiro texto do ano – uma crônica. Na exposição oral dessa proposta, os pontos de reflexão são o assunto e a característica particular do gênero: a ironia. Não surpreendentemente, o contato inicial com características heterogêneas do gênero faz com que vários movimentos indagatórios e até contrastivos à proposta dele sejam externados por alunos de Letras, incluindo Beatriz:

(1)

1. P⁴: O que vocês acham de escrever uma crônica?

2. Sandra: Difícil.

3. P: Difícil?

4. Renata: Podemos falar mais de quem? Do professor?

5. P: Tem que pensar num fato cotidiano, que se possa ironizar e ao mesmo tempo a pessoa ler, entender. Qual é o objetivo para o meu texto? Para quem? O Maicon escreveu para aqueles que estavam de saco cheio da música [...]

6. P: Se é uma coisa que incomoda só um, o leitor não vai entender, né?

7. Renata: Um incômodo entre pai e filho pode ser entendido por gente de fora porque é algo comum.

8. **Beatriz**: É como ali na frente, a gente chega e nunca tem espaço pra moto, então hoje eu pensei, tá chovendo e vai ter espaço pra mim e tinha um carro bem comprido ocupando o lugar das motos. E o que é que fazem esses caras da guarita?

9. P: Você quase já fez uma crônica agora. [evento 4, aula 3 de 2005/1]

Como exemplifica essa seqüência (1) de interações orais em sala, as alunas Renata e Beatriz, por meio de movimentos exemplificativos (intervenções 4, 7 e 8), indicam suas reações-respostas a situações reais de enunciação, das quais conhecem e que podem funcionar como assuntos nas crônicas. As duas são apoiadas pelo professor e Beatriz é explicitamente elogiada, na intervenção 9, após narrar uma problemática da universidade.

A implicação do *eu* nas crônicas e a tentativa de fazer uso de recursos explicitados pelo professor, na análise de exemplares do gênero, podem ser mais bem visualizadas nas produções escritas de Beatriz. Mesmo que Corrêa (2006) afirme que não é adequado buscar respostas, unicamente, em situações enunciativas próximas para explicar os fatos

⁴ P simboliza Professor.

textuais-discursivos nas produções dos alunos, não se pode descartar que é uma ocorrência possível. Muitos desses fatos dão indícios de que os alunos, tal como Beatriz, tentam produzir seus textos com apoio de orientações muito próximas, como as do professor Tiago, para ter maior aceitação em um domínio como o acadêmico, do qual são participantes há bem pouco tempo. Considera-se, dessa forma, que Beatriz (re)contextualiza as orientações de letramento do professor Tiago nas disciplinas, ora por uso do Discurso reciclado, ora implementando-o com escolhas mais autônomas, que revelam particularidades de sua identidade no curso. Assim, no processo de desenvolvimento do controle sobre o funcionamento do gênero crônica, transformações vão sendo mais observáveis, dando realce às reflexões sobre o gênero.

Na primeira crônica (em anexo), intitulada *Quem administra o “erro de sistema”?*, Beatriz aproveita o enfoque de sua participação em sala, durante discussões sobre possíveis assuntos de uma crônica, conforme intervenção 8 da sequência (1): *É como ali na frente, a gente chega e nunca tem espaço pra moto, então hoje eu pensei, ta chovendo e vai ter espaço pra mim e tinha um carro bem comprido ocupando o lugar das motos. E o que é que fazem esses caras da guarita?* Neste dizer, a aluna referencia uma ocorrência do meio acadêmico, que ela observa diariamente. É elogiada, nesta escolha, pelo professor: *Você quase já fez uma crônica agora.* Valendo-se deste apoio, a aluna usa como assunto central da sua primeira crônica o conflito vivido por um calouro (ingresso na universidade) com o sistema computacional de renovação e devolução de livros na biblioteca. Fica marcada, assim, a identidade de Beatriz como estudante ingressa na universidade – assunto do qual revela maior domínio para ironizar, para compor a crônica.

De forma particular, Beatriz não usa o pronome *eu*, implicando-se diretamente no texto escrito, mas deixa marcas de que se inclui nas discussões ao fazer uso do pronome

possessivo *nosso*, em parágrafos distintos do texto. Outra marca decisiva, na composição desse texto, pode colocá-la como a personagem que fala neste espaço ou que explicita conhecimento prévio sobre o funcionamento de bibliotecas: *o calouro, muito educado, agradeceu e saiu sem reclamar de nada, embora pensasse ter 15 dias para devolução, pois é assim na biblioteca pública, onde não se paga mensalidade*. Em entrevista concedida no início de 2005, Beatriz afirma freqüentar, quando na escolarização básica, a biblioteca pública.

Logo, é adequado afirmar que o Discurso reciclado, em uso na primeira crônica de Beatriz, advém do conhecimento de mundo anterior ao ingresso na universidade, o qual é implementado na comparação com o funcionamento do Ensino Superior, e na sua outra posição: a de acadêmica de Letras. Assim, a reflexão temática dessa crônica parece desencadear uma transformação de posicionamento frente ao funcionamento de bibliotecas, neste caso, a universitária.

Nesse sentido, outros elementos da crônica, discutidos em sala durante a análise de exemplares do gênero, em especial destaque à crônica do autor Maicon Tenfen, apóiam a produção inicial de Beatriz e a concedem mais *status* e reconhecimento como produtora deste gênero. Uma evidência disto é o elogio, por escrito, emitido pelo professor à produção dela: *excelente crônica*.

Com essa oportunidade de produção de crônica, o tema funciona como uma reação-resposta a um fato muito próximo de sua vivência acadêmica, que a impulsiona nas escolhas lingüístico-enunciativas. Como marca do Discurso reciclado, Beatriz aproveita vários elementos previamente discutidos em sala de aula: a) expressões do cotidiano, entre aspas – *“porque cargas d’água”*, *“fuçando”*; b) linguagem especializada do sistema operacional da biblioteca, entre aspas também – *“débitos em aberto”*; c) diálogo entre atendente da biblioteca e o calouro introduzido por travessões;

d) perguntas retóricas para manter diálogo com os leitores do texto – *você pensa que ele fez isso?, não era o que você faria?*; e) ilustração (caricatura); f) texto estruturado em duas colunas, como o do autor Maicon Tenfen.

Uma reflexão decisiva e constante nesta crônica de Beatriz diz respeito à imagem de calouro por ela construída: que tem iniciativa por ir à biblioteca, que procura sozinho os livros desejados, que é educado, que está conhecendo o funcionamento da biblioteca acadêmica e não desiste de compreendê-lo. Algumas marcas linguísticas utilizadas servem de apoio para ironizar este empenho do calouro, o qual acaba sendo o prejudicado pelo “sistema”: *ser certinho, fuçar as coisas sozinho, não xingar, bater o pé quando dá vontade, aceitar como é imposto, sem informação*. A repetição da expressão *muito educado* intensifica a ironia em torno do prejuízo sofrido pelo calouro diante do erro de *sistema*. Da mesma forma que apresentado na crônica do autor Maicon Tenfen, o fechamento do texto de Beatriz também instiga a curiosidade dos leitores, como ela assim escreve: *Afinal o aluno já vai pagar um tal “aumento de mensalidade” por erro de cálculo do “sistema”, mas esta já é outra estória*.

Essa primeira crônica de Beatriz é aqui analisada sob diversos aspectos, em virtude de vários motivos: a) simboliza um constante movimento confirmativo às orientações prévias do professor; b) é um evidente exemplo do comprometimento dela com escolhas lingüístico-discursivas originais; c) é uma marca forte de que é necessário conhecer o funcionamento de um dado domínio social, desenvolver o metachecimento que o constitui, para poder fazer uso do letramento crítico, para usar o(s) letramento(s) dominante(s) que dele fazem parte, na direção de se assumir como *insider* neste domínio; d) é uma exemplificação de que seus dizeres irreverentes e descontraídos, em eventos orais em sala de aula, também se fazem sentir neste texto e a

apóiam na elaboração de um gênero como a crônica, que envolve ironia e humor como características centrais.

Evento 3 – a produção da 2ª crônica: “está nascendo uma *cronista*”

Quanto à produção da segunda crônica de Beatriz (em anexo), em 2005/1 (maio), dois meses após a primeira, já não aparece o uso da primeira pessoa do discurso ou marcas que a incluam como personagem da crônica. Destaca-se o uso de uma linguagem bastante especializada e técnica pertinente ao assunto por ela abordado, como em: *devido ao arrocho da fiscalização na fronteira do Brasil com o Paraguai*. O título, *Olha a muamba aí, gente!*, representa, de entrada, uma escolha irônica do texto, reforçando o assunto da crônica: o aumento do valor permitido para as mercadorias vindas do Paraguai ao Brasil. Outras características deste texto de Beatriz realçam a coerência das escolhas dela às orientações prévias sobre o gênero, o que marca o uso do Discurso reciclado: aspas, para indicar adjetivações pejorativas, uso de ilustração (caricatura) e disposição do texto em duas colunas.

Como reação-resposta a essa segunda crônica de Beatriz, o professor elabora o seguinte bilhete explicativo – um movimento confirmativo que apóia as escolhas dela:

(2)

Posso estar enganado, mas está nascendo uma cronista na Unifebe. Essa observação que você faz em cima da atualidade é muito interessante, principalmente por estar acrescida de uma pitada de ironia, característica da crônica. Percebi que você se atrapalha um pouco na pontuação, mas isso pode ser resolvido se você escrever períodos menores. Veja acima (são 16 linhas sem ponto), como é difícil até para ler. O período muito longo acaba deixando o texto com problema de coesão. O importante, é claro, é que criatividade não falta. Parabéns!

Esse movimento do professor em valorizar a expressão escrita de Beatriz, com a sutileza de mencionar os ditos *problemas* referentes às regras da Gramática Normativa, é um indicativo da motivação e da reflexão a que esta aluna e demais alunos da sala

estavam expostos. Os dizeres de Beatriz (cf. seqüência 3), em entrevista no final de 2006, apontam para o decisivo diferencial da interação construída entre o professor Tiago e os alunos de Letras, o que viabilizava maior confiança nas tomadas de decisão e, por consequência, maiores oportunidades de transformação nas práticas de escrita:

(3) Assim, hoje os professores pedem resenhas, pedem diferentes gêneros pra produzir, nem sempre dizem como é, pressupõem que a gente já saiba. Só falam, mas como fazer, a gente tem que correr atrás. A gente estudou alguns gêneros, e os outros a gente vai ter que correr atrás, né. [...] Pedir pra fazer produção textual, dá dicas, mais ou menos algumas características, pedir pra gente produzir, **depois ter aquela correção que volta pra ti pra ver o teu erro, e explicar através do nosso próprio texto. Isso eu acho que faz bastante falta na nossa faculdade, na nossa formação, porque teve naquele tempo, depois tudo que é ensinado, as matérias novas, as disciplinas, não são em cima de textos, e ali a gramática explicada em cima de texto. [...] Eu sinto falta, então, dessa aula.** Não é só apontar o erro que você fez, **tem que mostrar o outro caminho**, por que é que não pode ser daquele jeito. **Antes a gente tinha esse apoio**, agora a gente não tem mais. [Beatriz, 2006]

Com esse depoimento, há um ano distanciada das aulas do professor Tiago, Beatriz reforça o valor atribuído por ela a esta aprendizagem colaborativa, que a fez refletir e encontrar outros caminhos na implementação qualitativa dos textos. Também pode-se depreender que as reflexões com a língua, instigadas nas aulas do professor Tiago, representam uma prática transformada, aos olhos dela, que, paulatinamente, estavam dando subsídios para uma prática transformadora, ou seja, mais consciente na elaboração lingüístico-enunciativa.

Evento 4 – a produção da 3ª crônica: conflitos e revelações

As reflexões a que Beatriz e demais alunos da classe estavam submetidos durante 2005, nas aulas do professor Tiago, não garantem ausência de conflitos. Beatriz, por exemplo, mesmo tendo produzido duas crônicas em 2005/1, na disciplina de “Estudos da Língua Portuguesa I: conhecimentos básicos”, e tendo sido elogiada pelo professor nestas produções, ao elaborar a terceira crônica do ano, em 2005/2 (setembro), em

“Leitura e Produção Textual”, apresenta uma marca de sua indecisão com o gênero. Uma linha antes do título da crônica, a aluna assim expõe: “*Crônica*”, *pelo menos é pra ser crônica!* O que aqui se denomina como conflito e indecisão pode, perfeitamente, ser uma marca da reflexão intensificada da aluna, em vista da ampliação do metaconcehimento sobre esse gênero e sobre o artigo de opinião, o qual foi estudado paralelamente à crônica. Ao mesmo tempo pode ser um movimento indeciso, em que a intenção dela como autora pode não vir a coincidir com o juízo de valor do professor. Para melhor visualizar as escolhas de Beatriz, apresenta-se a terceira crônica por ela elaborada:

(4)

Cadê a capa anti-pó?

Esses dias, quando eu estava preparando a comida, escutei um barulho de carro freiando e depois se arrastando. Era mais um coitado que havia se perdido “na falta de asfalto”, é isso mesmo, onde há buraco no asfalto, há falta de asfalto.

Tudo isso é muito ridículo, a prefeitura promete o asfalto a cada eleição, depois vence e, em seguida, não cumpre. Quando finalmente começam a colocar o asfalto, ele não vem de fundos de impostos, os quais pagamos tantos tipos que nos confundem com a nomenclatura; a renda vem mais uma vez do bolso do povo, que paga em perdidos números de prestações com “suaves” taxas de juros.

Pagamos caro e compramos gato por lebre, pois não deu tempo de acabarem o outro lado da rua que o primeiro já se estourava todo, removendo o asfalto daquele pedaço.

E quem conserta o buraco? Depois de receber tantas ligações reclamando, o pessoal responsável espera um mês e depois aparece para revestir a cratera que se formou.

O problema é que o asfalto iludiu muito os moradores, pois foi colocado em ruas onde o encanamento não foi checado; então há canos estourando e vazando o tempo todo, fazendo brotar água do asfalto e com isso corroendo toda a terra por baixo dele. Com isso ele quebra fácil porque é muito fininho, é tão fino que mal acabaram de colocar, o povo pensou que estavam colocando um fundo, mas este fundo era o tão sonhado asfalto.

Agora lá vamos nós passear de carro, a velocidade média é de no máximo 20k/h que é para dar tempo de desviar dos buracos e das poças de lama.

E se estragar mais algum pedaço? Com certeza os responsáveis arrancam o tal asfalto do determinado lado da rua. E o que acontece com o outro? A erosão e a falta de planejamento “comum”, e o povo o que faz? Paga de novo, mas de outras formas, porque com certeza alguma taxa vai subir.

Através de algumas marcas presentes nesta terceira crônica, Beatriz demonstra libertar-se do movimento predominantemente confirmativo às orientações prévias do professor sobre este gênero. A opção por produzir esse gênero dá-se após realização de Seminário sobre o gênero crônica (aula 2, 2005/2), conduzido por duas colegas de classe, que além de reforçarem muitos elementos já explorados pelo professor, em 2005/1, tornam públicas as dúvidas quanto às vozes que constituem a crônica, e diferenças que distanciam crônica de artigo de opinião. O professor, por sua vez, já antes do Seminário e ainda na aula 3 de 2005/2, amplia discussões sobre a crônica, introduzindo outros enfoques sobre a teoria dos gêneros, como a intercalação de gêneros primários e secundários, forma não fixa e a transformação histórica dos gêneros. Assim, em virtude da linguagem em uso pelo professor ser mais especializada, a qual ainda não era de conhecimento e de domínio dos alunos, não há participação destes durante as explanações. Portanto, é nesse contexto de trabalho com a crônica, que Beatriz produz seu terceiro exemplar do gênero.

Diferentemente das duas crônicas anteriores, Beatriz elabora esta terceira crônica à mão, sem estruturá-lo em colunas, não utiliza ilustração (caricatura), faz uso da primeira pessoa do singular e do plural, *eu* e *nós*, para explorar um assunto pertinente à comunidade do município (Brusque/SC) onde reside: a qualidade ruim do asfalto e os buracos formados por consequência do mau planejamento de obras. Beatriz também opta por um tom mais polêmico, de denúncia a um descaso do município, na condição de moradora, que tem deveres, como o pagamento de impostos, mas que não é atendida quanto a seus direitos: a resolução do problema de má qualidade do asfalto. Como Beatriz produz esta terceira crônica no meio acadêmico, inserir a identidade de moradora – característica do Discurso primário, da comunidade de moradia – parece representar a ela uma inconsistência ou não legitimação a esta opção temática. O motivo

é que, na primeira crônica (*Quem administra “o erro de sistema”?*), Beatriz faz alusão a um assunto do próprio meio acadêmico e na segunda (*Olha a muamba aí, gente!*), aborda um assunto de interesse nacional. Assim, na terceira crônica (*Cadê a capa anti-pó?*), a escolha temática diferenciada e as conseqüentes escolhas lingüístico-enunciativas desencadeiam nela a reflexão, a dúvida sobre a caracterização do texto como crônica. Em resposta, o professor avalia o texto dela com o conceito A, o qual, nas aulas dele, representou adequação total à proposta por ele apresentada. Com essa terceira crônica, Beatriz, mesmo que não referencie de forma explícita, dá provas da transformação de sua prática com o gênero crônica, pois faz escolhas outras que vão além do uso do Discurso reciclado e a colocam na posição de autora, que assume seus dizeres, mesmo sem saber se a reação-resposta do outro (leitor) irá coincidir com a intenção e com o projeto discursivo dela.

Em síntese, nessa complexa dinâmica do realizar reflexões sobre a língua, com e a partir da crônica, no intuito de aprender, implementar percepções, posicionamentos e formas de oralidade e escrita, os alunos vão se constituindo sujeitos letrados em práticas acadêmicas de letramento. Movimentos diferenciados predominam nos eventos com o gênero crônica. Nas produções escritas de Beatriz, por exemplo, acompanha-se uma gradativa transformação sobre o metaconhecimento que constitui esse gênero e conseqüentes escolhas lingüístico-enunciativas, com grande apoio do Discurso reciclado. Se ainda forem considerados os depoimentos da aluna, ao final de 2006, constata-se que as reações-respostas às orientações do letramento com o gênero discursivo crônica não são sempre imediatas. Podem ser reações-respostas retardadas, que comprovam a ocorrência de práticas reflexivas e transformativas em um *continuum* de implementações e a constituição gradativa da identidade da aluna no domínio acadêmico.

Letramentos em construção: considerações finais

O construto singular a que se chega, com base nas análises realizadas, é que o trabalho com a língua nas duas disciplinas em questão, e os conseqüentes modos de constituição letrada de Beatriz, no caso exemplificado, inserem-se no modelo dialógico dos letramentos acadêmicos. Essa conceituação é inspirada nas abordagens de Lea e Street (2007), os quais apontam o “modelo dos letramentos acadêmicos” como o mais adequado para se discutir a produção de alunos e o fenômeno do letramento em contextos acadêmicos. Esse modelo engloba questões como a construção de sentidos, as identidades socialmente situadas, as relações de poder e de autoridade que subjazem as práticas de letramento nos contextos acadêmicos. Em acréscimo ao que expõem Lea e Street (2007), defende-se a existência de um modelo dialógico dos letramentos acadêmicos como norteador da constituição letrada dos alunos ingressos em Letras em 2005. A justificativa para essa defesa é a ocorrência de práticas de letramento em que o gênero discursivo, no caso da crônica, funciona como mediador das complexas relações interacionais de sala de aula. Por conseqüência, são desencadeadas relações dialógicas entre os sujeitos participantes das aulas.

Nesse processo dinâmico e dialógico de trabalho com o gênero crônica, movimentos dialógicos de Beatriz, no interior dos Eventos reflexivo-transformativos, dão provas de como ela se constitui sujeito letrado. Em virtude da ocorrência desse tipo de evento é que se dá a construção de um dos três⁵ tipos de letramento acadêmico que integram este modelo: o letramento reflexivo-transformativo. Este tipo de letramento permite a Beatriz e aos demais alunos desenvolver o controle no uso de Discursos secundários e da metalinguagem que os constituem, seja por meio do Discurso reciclado

⁵ Os três tipos de letramentos acadêmicos são: letramento interDiscursivo, identitário-profissional e reflexivo-transformativo.

e/ou do uso dos letramentos críticos, com o propósito de transformação de práticas e identidades sociais.

O uso do Discurso reciclado é ampliado, através da capacitação crítica, na direção do uso dos letramentos críticos, por ocorrência de um maior domínio do metachecimento que integra os Discursos dominantes. Assim, Beatriz e outros alunos de Letras, para além de se adaptarem a determinados eventos de letramento, passam a fazer análises mais criteriosas, reflexivas e críticas dos Discursos primários e secundários. O uso dos letramentos críticos, especialmente do letramento reflexivo-transformativo, é presenciado nas aulas do professor Tiago, por exemplo, nas produções escritas de crônicas de Beatriz, quando ela passa a fazer escolhas próprias em seus textos, distanciando-se do gênero balizador.

Portanto, os movimentos realizados por Beatriz seguem um percurso evolutivo e qualitativo, que vai do discurso do *déficit* de letramento⁶, passando pelo uso do Discurso reciclado e chegando ao uso crítico dos letramentos, incluindo o reflexivo-transformativo. Esse percurso reforça que os letramentos acadêmicos são caracterizados como dominantes (cf. GEE, 1999). Por esse motivo é que se visualiza o empenho de Beatriz, por se inserir como co-participante no contexto acadêmico e posteriormente em outros contextos sociais, os quais representam instituições de poder na sociedade que suportam práticas de letramento também dominantes. Nesse sentido, para ser reconhecida como membro ativo nessas práticas, Beatriz deixa marcas que visa à expansão das formas de ser, agir, interagir, falar, ler, escrever e usar artefatos culturais que a concedam mais *status*, poder e identidade nos contextos sociais dos quais passa a participar.

⁶ Este tipo de discurso ressalta um não saber ler e escrever, de maneira geral, informando deficiências na escolarização básica.

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Manoel L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, v. 2, n. 45, p. 205-224, jul./dez. 2006.

FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 2007. 340 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

GEE, James Paul. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. **Journal of adolescent & adult literacy**, v.8, n. 44, 2001, p. 714-725.

_____. The new literacy studies: from 'socially situated' to the work of the social. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. **Situated literacies**. Reading and writing in context. London/ New York: Routledge, 2000. p.180-196.

_____. **Social linguistics and literacies**. Ideology in Discourses. 2.ed. London/Philadelphia: The Farmer Press, 1999.

HALL, Kathy. **Co-constructing subjectivities and knowledge in literacy class**: an ethnographic-sociocultural perspective. Leeds, v.16, n.2, 2002. Disponível em: <<http://www.channelviewpublications.net/le/016/0178/le0160178.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2005.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. The "academic literacies" model: theory and applications. In: SIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2007, Tubarão. **Anais...** Tubarão: Unisul, 2007. p.227-236. 1 CD-ROM.

FISCHER, A. Eventos reflexivo-transformativos em Letras: uma análise da produção escrita de crônicas. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Coord.) A língua portuguesa no mundo. Anais I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. IV Simpósio Internacional sobre Práticas Escritas na Escola: letramento e representação. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. ISBN: 978-85-7506-165-7.

ANEXO - Crônicas 1 e 2 de Beatriz

Quem Administra o "Erro de Sistema"?

Um calouro recebe a tarefa de ler um livro até o final do semestre, só ler não, fazer uma resenha e empolgado corre até a biblioteca da universidade. Quando o aluno chega na porta vem a primeira decepção, a novíssima porta de vidro está trancada. O aluno pensou: Essa porta deveria estar aberta, pois se tenho de dar toda a volta para daí pagar a escada e ir até o segundo andar, porquê cargas d'água existe uma porta bem de frente para o pátio e ainda, trancada. Deve ser para enfeite!

O calouro dá a volta, sobe as escadas e pergunta para a atendente:

- Vocês têm o livro tal de tal autor?

E a atendente responde: - É pra ter, dá uma olhadinha no número da chamada.

- E como faço isso? - pergunta o calouro.

- Vá ali no micro, ele vai mostrar o número da chamada e a localização - responde a atendente.

Então lá vai o calouro, senta na frente do micro e fica mexendo o mouse, procurando por onde começar, vai "fingindo" até achar o tal número da chamada e localização que para ele, era grego. Para achar mais rápido ele pergunta para a atendente, apenando para uma anotação feita no papel:

- Onde fica mais ou menos essa estante?

- É a segunda ou terceira do lado esquerdo de tal canto.

- Tá certo, obrigado - disse o calouro, percebendo que teria de procurar o livro sozinho e que seria bem mais rápido a atendente ter-lhe mostrado o lugar exato, já que era a primeira vez que ele lá à biblioteca e que não sabia nada sobre o funcionamento da mesma.

Nosso calouro começou a procurar pela estante ou livro, tanto fazia, qualquer

pista era válida para ficar menos perdido e então achou a estante. Ele procurou e procurou, mas nada do livro. Em silêncio reclamou do "sistema" e desistiu.

- Vou procurar por um livro do mesmo estilo - pensou. Começou a ler os títulos de outras estantes e acabou por achar o livro que queria procurar. Então ele pegou o livro e levou-o até a atendente que finalmente o ajudou, a cadastrá-lo na senha.

- A devolução ficou para o dia 18, sexta-feira - disse ela. O calouro, muito educado, agradeceu e saiu sem reclamar de nada, embora pensasse ter 15 dias para devolução pois é assim na biblioteca pública, onde não se paga mensalidade.

Durante a semana foi lendo o tal livro e voltou à biblioteca para fazer a renovação:

- Vim fazer a renovação - disse o calouro.

- Pode fazer naquele micro ali - disse a atendente apontando o micro com o dedo e sem sair detrás do balcão. Nesta hora ele até se arrepiou e teve vontade de mandá-la à "M", de dizer que não sabia mexer no sistema, que da última vez perdeu um tempo procurando no micro, nas estantes, que não tinha achado o livro e que blá,blá,blá, você pensa que ele fez isso? Não, ele era muito educado, pra não dizer paíxão. Sentou na frente da tela e começou a procura pelo ícone, afinal deveria ter algum denominado "Renovação de Livros", e não é que teve sucesso! Fez a renovação.

O tal sistema parecia tão seguro, até apareceu uma janelinha onde perguntava, "desija enviar recibo de renovação para seu e-mail?" o nosso amiguinho clicou em "Sim" e foi para a aula. Não era o que você faria?

Na semana seguinte fez a renovação de casa, pois aprendera na marra e não



tinha problema algum, pois sempre vinha o tal "recibo de renovação". E lá se foi mais uma semana, essa demora não era por sua lerdeza em ler o livro, só porque ele era chato, um lédio, longo e fugia totalmente da propaganda feita pela professora? Imagina!

Nesta sexta feira em o dia da renovação, como era feriado; Sexta-feira Santa e ele não ia conectar a internet em casa, pensou: Na Segunda eu renovo, não deve de ter muita coisa é feriado seguido de final de semana e afinal quem não tem Internet em caso e mora em outra cidade, renova como?

Na segunda, o calouro entrou na biblioteca e não perguntou nada à atendente pois se era para apontar o dedo pra a fila que aguardava a vez para usar o micro, ele podia fazê-lo. A final chegou sua vez, renovou o resolveu checar se tinha alguma multa no ícone "Débitos em aberto" e não tinha nada, nem um centavo, então ele foi para aula.

Finalmente, ele acabou de ler o livro e foi até a biblioteca:

- Quero devolver este livro - disse ao atendente.

- Ok, vamos verificar - disse o atendente, pois desta vez era uma rapaz.

- Você tem uma multa de R\$ 5,60 referente falta de renovação.

O calouro arregalou os olhos e sentiu a confiança na "M" do sistema cair do supetão.

Dai não adianta atendente, pois não função dele em infor preencher o formulário para o calouro pagar; dá ser certinho, fuçar xingar, bater o pé aceitar como nos é im

Desta vez ele n amigo que era mu acreditou na explicac; pagar e procurar o D; assim foi feito. N encontrou apoio, n funcionários pararam prometeram tentar aj

se aliviado, pi que question se a bibli impressora comprovantes sobre prazos etc. Como

existido o DCI nosso amigo es resposta que decid ou não em um "siste

será que ter continuar cima d inform

A

pagara mensali cálculo

há e outra



Olha a Muamba Ai Gente!



No mês de abril de 2005, o Governo Federal, cansado de não conseguir combater o contrabando e de não conseguir resolver aumentar a cola dos "turistas" que trazem mercadorias do estrangeiro. Nos últimos tempos houve crescimento de manifestações principalmente de comerciantes paraguaios, devido ao arrocho da fiscalização na fronteira do Brasil com o Paraguai, porém, o valor de US 300,00 é válido para qualquer turista que traga suas mercadorias por vias terrestres o não só para os "sucoleiros" que trazem do Paraguai.

O aumento de US 150,00 para US 300,00 não faz nem cócegas de diferença para os verdadeiros "sucoleiros", "laranjas" e Cia., pois o valor que precisam trazer para sobreviver aqui, é muito maior do que isso, na realidade, essa miséria é o que eles gastam no custo de ida e volta de duas viagens, o que normalmente é feito duas vezes por semana.



Há pessoas que se vêm beneficiadas pelo sistema econômico a burra a lei, juntam suas economias e tentam atravessar a fronteira com suas "sacolas", e no caminho de volta, a esperança cai por terra quando vêem o que era para causar tranquilidade e não causa, a nossa Polícia Federal, que no lugar de ficar capando gente de bem, deveria estar atrás de bandidos e de políticos corruptos que ficam causando alarme em horário nobre (que é pra enganar o povo, para despistar a atenção de um povo que não se dá conta de que o maior rombo quem faz são eles, os "peixes grandes").

Se o Brasil fosse um país que garantisse para todo cidadão o que promete em sua constituição não estaria com tantos problemas políticos, sociais, se diminuíse o valor e a quantidade diferente de impostos que temos para pagar, com certeza não teríamos tantos brasileiros atravessando fronteiras, (sendo em busca de uma mercadoria mais barata, então em busca de uma mão-de-obra mais valorizada).

Enquanto tudo continua igual no Brasil de Pedro Alvarez Cabral, que os turistas aproveitam mais essa migalha, e que venham as lembrancinhas para os parentes que não puderam viajar.

parado
longo